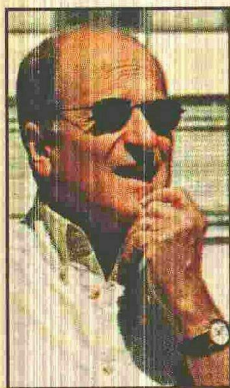
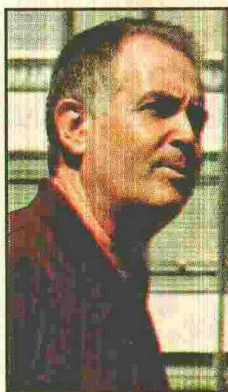


Presentes na 4ª Bienal de Arquitetura, três renomados arquitetos apontam o que há de bom e de ruim na cidade: críticas ao Sudoeste, à poluição visual e surpresa diante do planejamento urbano de invasões

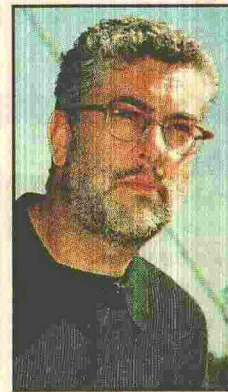
**Gonçalo Byrne**

Português morador de Lisboa, esse arquiteto de 62 anos é conhecido pela enorme preocupação em nunca dissociar seus projetos do meio no qual estão inseridos. Na forma, Gonçalo é adepto da economia e do rigor. Entre suas obras mais conhecidas está a torre de controle do porto de Lisboa. O português já visitou o Brasil várias vezes e há dois anos presidiu a comissão julgadora que escolheu o projeto do Centro de Arte Corpo para o balé O Corpo, em Belo Horizonte.

**Sérgio Parada**

Curitibano de nascimento, Sérgio está em Brasília há 22 anos. É no escritório na Asa Norte que procura dar forma a uma arquitetura capaz de conviver em harmonia com os projetos de Oscar Niemeyer e Lucio Costa. O arquiteto é também o autor do projeto do Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek, ainda em andamento, e dos aeroportos de Belém e Natal. Aos 52 anos, é um dos nomes mais importantes da arquitetura brasileira.

Carlos Vieira

**Márcio Kogan**

Márcio Kogan, 50 anos, mora em São Paulo e tem no currículo 14 curta-metragens, além de um bom lote de exposições que relacionam arquitetura e humor. No ano passado, juntamente com o arquiteto Isay Weinfeld, apresentou na Bienal de São Paulo uma cidade imaginária com prédios ironicamente pontuados por questões que afligem os grandes centros urbanos. Uma parte desse trabalho foi mostrada em Brasília. Em 1991 e 1992, Márcio foi premiado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil por vários projetos.

Três vezes Brasília

NAHIMA MACIEL E
ROVÊNIA AMORIM

DA EQUIPE DO CORREIO

Márcio Kogan se deslumbra com a cidade que conhecia bem nos livros de arquitetura. O modernismo de Brasília também fascina o português Gonçalo Byrne desde os tempos de faculdade e é defendido com vigor pelo curitibano Sérgio Parada, morador da capital. Durante a semana, os três arquitetos participaram das palestras da 4ª Bienal de Arquitetura de Brasília. O Correio convidou os profissionais para passear pela cidade e comentar seus problemas.

A Brasília tombada sofre com o desvirtuamento dos preceitos que a originaram, mas também é generosa ao acolher a arquitetura contemporânea.

Muitas vezes, essa última ganha contornos comerciais e se reproduz em fachadas espelhadas e construções nem sempre harmônicas com a economia do projeto moderno de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Causa revolta a uns, como Sérgio Parada, surpreende Gonçalo e Márcio, que descobriu na cidade uma favelização particular. "Tem uma Brasília aqui", repara, ao visitar a invasão do Itapuã. "É planejada, tudo limpo, marcadinho, é genial. Só pode ser influência de Niemeyer e Lucio Costa."

O tão discutido engessamento da cidade intriga Gonçalo Byrne.

"É impossível e irrealista pensar que uma cidade pode se manter estática. A transformação faz parte. Resta saber até que ponto isso pode ameaçar", admite. O arquiteto português foi apresentado a Brasília por Sérgio Parada, um crítico feroz da nova arquitetura residencial produzida por aqui. Vítimas do mercado imobiliário e dos excessos da arquitetura pós-moderna, prédios como os do Sudoeste e Setor Comercial Norte fazem o curitibano lamentar. "O

arquiteto tem responsabilidade de educar e não podemos nos submeter a essa coisa de transformar a cidade num painel." O modismo das sacadas, pastilhas coloridas e vidros espelhados incomodam o arquiteto.

Os três são unânimes em afirmar que o plano original da cidade está preservado, mas que falta cons-

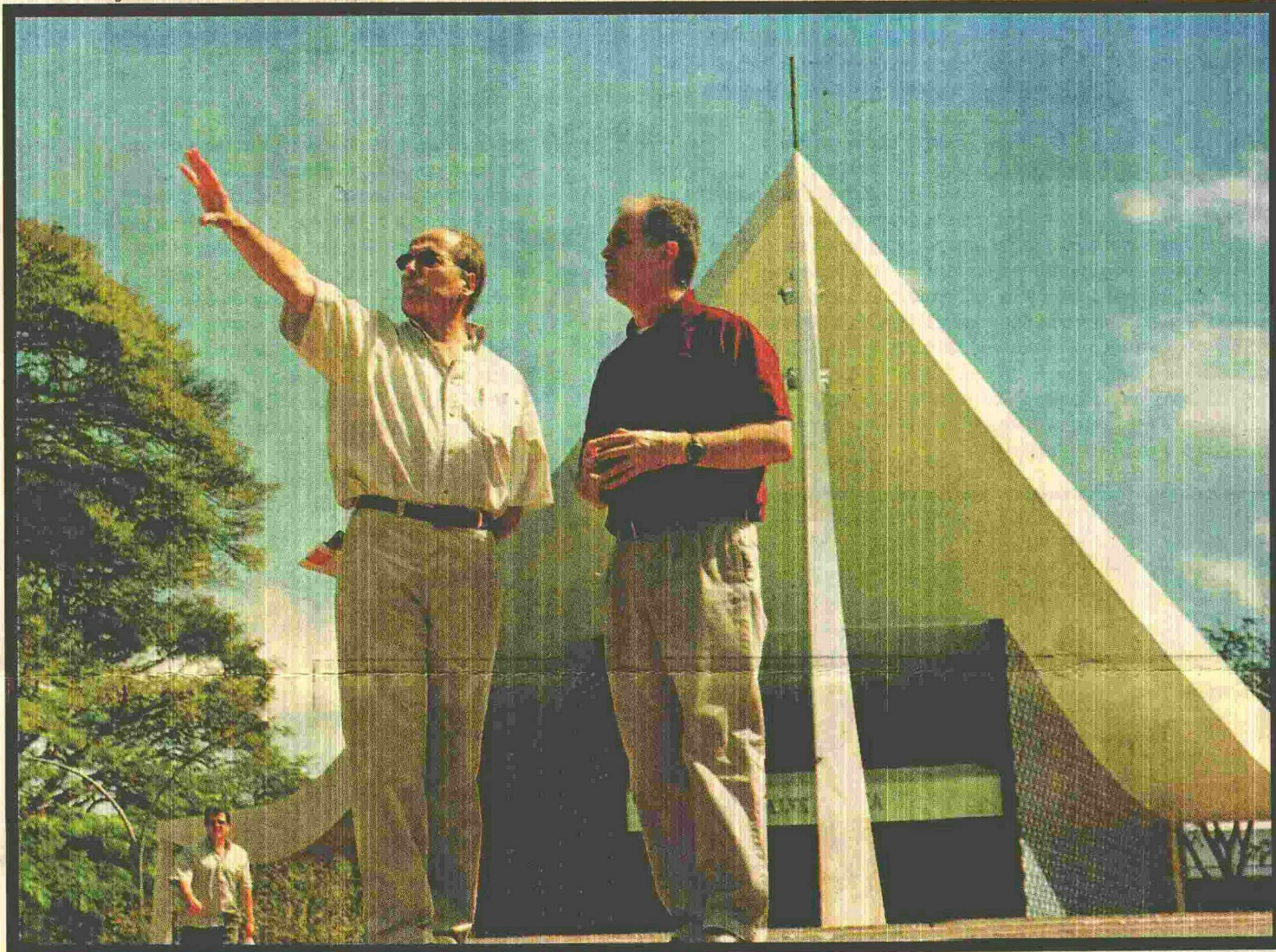
“É IRREALISTA PENSAR QUE UMA CIDADE PODE SE MANTER ESTÁTICA. A TRANSFORMAÇÃO FAZ PARTE. RESTA SABER ATÉ QUE PONTO ISSO PODE AMEAÇAR.”

Gonçalo Byrne,
arquiteto

cientização para a importância da obra erguida no Planalto Central. "A população precisa se inteirar do valor e do benefício que é morar nessa cidade", afirma Sérgio. E, segundo Márcio Kogan, atentar para a preservação. "É uma pena Brasília não estar mais bem-cuidada. É difícil forçar uma arquitetura, um urbanismo que não está intrínseco na cultura do povo." Para Gonçalo, o tempo mostrará a qualidade da arquitetura aqui produzida: o que é bom vai sobressair e o que é ruim ficará com aspecto envelhecido, datado.

NA PÁGINA SEGUINTE, OS
COMENTÁRIOS DOS ARQUITETOS

Fotos: Edilson Rodrigues



GONÇALO BYRNE E SÉRGIO PARADA, EM FRENTE À IGREJINHA, UM DOS SÍMBOLOS ARQUITETÔNICOS DE BRASÍLIA. OS DOIS CRITICAM O ABANDONO DOS MONUMENTOS